



AVALIAÇÃO: FINALIDADE ÚNICA DE GARANTIA DA APRENDIZAGEM

Tamires Luana da Silva

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
tamiresluana04@hotmail.com

Jaciane Jéssica da Silva

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
jaci.jessi@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: avaliação, aprendizagem, formativa, diagnóstica.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos vem se empreendendo diversos estudos acerca das práticas avaliativas postas no contexto educacional, pois as visões e ações quanto à avaliação dos docentes incidem de sobremaneira na garantia da aprendizagem dos discentes. Diante disto vimos por necessário trazer reflexões neste sentido, tendo como base teórica os autores Cabrera (2006), Luckesi (2005), Gessinger e Grillo (2010) vislumbrando possibilitar trazer percepções quanto aos diversos tipos de avaliação que vem se perpetuando na sala de aula e traçando caminhos no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, assumindo um viés qualitativo ou quantitativo de acordo com a postura e o papel que o professor construiu pautados em suas visões de homem, sociedade, mundo, educação, ensino e aprendizagem. É imprescindível destacar que a instituição escolar prima por centralizar suas práticas pedagógicas entrelaçadas as avaliações institucionais impostas pelo sistema de ensino (MEC).

É essencial que se investigue atentamente as especificidades da configuração da avaliação, para desvencilha-la do seu majoritário sentido excludente, classificatório, examinador, mensurável, final e de hierarquização dos alunos, aspectos estes reprodutores da lógica social dominante.

2. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Em relação à **metodologia** utilizada, que nos forneceu o caminho a ser trilhado nesta pesquisa, desempenhando o papel de guia, de bússola e não um caminho rígido ou como diz o poeta Luis Mello, “... que se constrói ao caminhar”, optamos por um estudo de **natureza qualitativa**, conforme definição de Lüdke e André (1986, p.11-13):

[...] a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento.
O ‘significado’ que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Neste se utilizou a pesquisa bibliográfica como metodologia fundante das reflexões e constatações que permeiam as concepções e as práticas da avaliação ao longo dos anos.

3. AVALIAÇÃO: SUBSÍDIO PRIMORDIAL NO ATO DE ENSINAR E APRENDER

A avaliação da aprendizagem nem sempre assume seu real caráter de viabilizar ensino, metodologias e didáticas a serviço da construção de conhecimentos pelos alunos. Muitas vezes está posta em contexto educacional, como forma de controle comportamental do alunado, de ameaça, de categorização em aprovados e reprovados, em forma de castigo, quando se aplica uma prova de difícil resolução para punir comportamentos anteriores, se prezando pela mensuração do saber acumulado, sendo usados como instrumentos as provas e os testes. A avaliação a esses moldes traz para a escola a exclusão social dos sujeitos, numa reprodução das diferenças de classes, que é o modelo da sociedade atual.

O que apenas importa para a escola é a promoção dos alunos de uma série para a outra, ou seja, é a certificação institucionalizada do conhecimento, que ocultamente está moldando os alunos para que sejam sujeitos sociais de uma sociedade de divisão de classes, aos moldes capitalistas.

É notório um constante apego pela avaliação quantitativa que nem sempre representa o real nível de aprendizagem dos alunos, pois por fatores psicológicos, familiares, pessoais e de estado físico, ocorridos no momento da prova, pode influenciar

no resultado, por isso diversos autores defendem a concepção de avaliação processual e/ou contínua.

Quando na verdade os instrumentos avaliativos devem priorizar e trazer à tona aspectos relevantes sobre as aprendizagens dos alunos, atentando para o que aprenderam ou não e quais suas dificuldades.

Nos primeiros estudos sobre avaliação, Ralph Tyler defendia uma avaliação que desse conta de constatar se os objetivos almejados pelo sistema educacional tinham sido alcançados. Este sentido dado ao ato de avaliar pode ser pensado no sentido de fornecer dados que permitam perceber até que ponto o que o professor planejou e viabilizou o processo de ensino-aprendizagem das habilidades e saberes do currículo escolar.

A avaliação formativa é uma prática educativa que investiga as fragilidades da aprendizagem, em seus por menores, como: as práticas pedagógicas que precisam ser modificadas, como está se dando a construção conceitual dos conteúdos por parte dos discentes e que etapas do processo o aluno está em relação a consecução da construção global de seus conhecimentos e quais dificuldades para a efetivação do aprender. Estas fornecerão aspectos contributivos para a ressignificação da prática pedagógica do professor, ou seja, traça os caminhos que a ação de ensino e aprendizagem deve percorrer numa contínua construção e reconstrução didática e de planejamento das aulas. A aqui o erro é encarado como etapa normal de formulação das ideias conceituais do aluno, rumo a aprendizagem, pela mediação do professor em focar no ensino as dificuldades expressas em avaliações contínuas, pois este dispositivo pedagógico é ponto central no processo de ensino- aprendizagem. Para este fim o aluno é sujeito ativo na sua aprendizagem, já que este deve ter noção de seus erros através da atuação do professor em construir intervenções que possibilitem um refazer da lógica cognitiva acerca dos saberes estudados.

Já a avaliação diagnóstica é um suporte da ação educativa, ao servir para a obtenção dos fatores determinantes na aprendizagem, englobando as características motivacionais das dificuldades apresentadas pelos alunos ou a aprendizagem alcançada. Estas reflexões nos remetem ao que diz Cabrera:

A avaliação em uma perspectiva diagnóstica e formativa deve ser entendida como instrumento que auxilia a compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista a tomada de decisões para permitir o avanço no seu processo de aprendizagem. (2006, p.44)

Geralmente a avaliação desenvolvida em sala de aula é de caráter apenas quantitativo, mensurável, que segue o princípio de medir os saberes acumulados, sendo representados pelas notas, ou seja, espera-se que o aluno faça o papel de receptor de informações e não que produza seus conhecimentos e o ensino-aprendizagem se configura através da concepção de educação tradicional.

A avaliação é um dispositivo pedagógico que deve ser pensado como um direcionar para a democratização do ensino, pois se deve garantir uma educação de qualidade a todos os cidadãos, prezando por sua entrada e permanência na instituição educativa, mas se a avaliação continuar a excluir e hierarquizar os discentes, esta caminhará em sentido contrário ao papel social da escola de formar habilidades e competências nos educandos, numa formação cidadã, onde este é sujeito ativo na sua aprendizagem e o professor assume a função de mediador e construtor de metodologias e objetivos, que viabilizem a construção do saber e superação das dificuldades por parte dos discentes.

CONCLUSÃO - OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, a avaliação deve levar em conta a definição dos critérios de qualidade a serem considerados, a explicitação do que será avaliado e o que é relevante para avaliação. Deve também definir os procedimentos e instrumentos avaliativos.

A função social da escola passou a ser também compreendida como meio para reproduzir-criticar os interesses e as necessidades de manutenção-superação da sociedade, da ciência, da tecnologia, etc.

No momento de escolha do instrumento que deverá ser utilizado para levantar dados a fim de avaliar o processo de ensino-aprendizagem, deve-se pensar, principalmente, que instrumento possibilitaria recolher as informações para a avaliação, levando em consideração que estes são diversos e deverão ser selecionados em função dos dados que se quer colher. Esses dados que serão levantados, ou o conjunto de informações que foi possível recolherem é conhecido como o referido, que a partir deste, é realizado um julgamento de valor, representando o momento de relacionar o referido e o referente, ou seja, analisar até que ponto conhecimento foi apreendido pelo aluno de acordo com o esperado.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CABRERA, Renata Cristina. *Docência e desespero: avaliação da aprendizagem na escola ciclada*. Brasília: Líber Livro Editora, 2006, p. 25-43.

GESSINGER, Rosana Maria; GRILLO, Marlene Corroero (orgs.). *Por que falar ainda em avaliação?* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 15-34.

LUCKESI, Cipriano Carlos: *avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez, 2005.

VASCONCELLOS. Celso dos S. **Superação da Lógica Classificatória e Excludente: a Avaliação como Processo de Inclusão**.

Disponível em <

<http://www.celsovasconcellos.com.br/Download/Superacao.pdf>>. Acesso em 2 nov 2013.